

# EVANGELHO É REVOLUÇÃO SOCIAL

José Maria Raposo



O Movimento Humanidade Nova, expressão do empenho social do Movimento dos Focolares, também chegou a Portugal.

«No primeiro focolar, sentavam-se à nossa mesa uma focolarina e um pobre, uma focolarina e um pobre». É assim que Chiara recorda o amor aos pobres nos primeiros tempos do Movimento dos Focolares.

A comunidade, que crescia atraída por esta radicalidade, também participava, fazendo multiplicar os alimentos, a roupa, os medicamentos... Chiara escreveu depois que «compreendemos que o nosso coração não devia dirigir-se só aos pobres, mas a todas as pessoas, sem distinção... Sim, podíamos dar de comer aos que têm fome, dar de beber e vestir, mas havia

também pessoas que deviam ser instruídas, aconselhadas, suportadas, e outras que precisavam de orações... As obras de misericórdia corporais e espirituais abriram-se ao nosso espírito».

A experiência de Chiara e da primeira comunidade diz-nos que a vida do Evangelho, vivida com radicalidade, leva à revolução social. Em 1948, Chiara encontra-se com Iginio Giordani, deputado italiano que, com a sua cultura, o seu conhecimento da Igreja, dos Carismas e do Mundo, percebe a novidade do Carisma de Chiara e o alcance da sua influência para a mudança da sociedade, dando

ao Movimento uma nova abertura para impregnar as realidades terrenas com o espírito de Deus.

O Movimento Humanidade Nova (HN) nasceu em 1968, tendo os Voluntários de Deus como os seus principais animadores. Logo depois, em Portugal, onde o Movimento já estava presente, começam a delinear-se os "mundos": pessoas que, trabalhando num determinado âmbito da vida social, sem distinção de funções, procuram, cooperando com todos, renovar as relações interpessoais e institucionais. Por isso, o *Magnificat* é considerado a sua "Magna Carta".

Em 1983, o Movimento Humanidade Nova, tendo crescido e ganho consistência, apresenta-se à sociedade numa grande jornada internacional realizada no Palácio de Desportos de Roma, intitulada "Em direção a uma Nova Humanidade". Diante de quase 20 mil pessoas, Chiara Lubich apresenta-o ao Papa São João Paulo II como um movimento que pretende dar uma alma cristã à sociedade, contribuindo para a renovação das pessoas e das estruturas.

As três Jornadas sobre Economia e Trabalho realizadas em 1985, em Portugal, «assinalaram uma

esperança para o Movimento Humanidade Nova», tendo-se realizado outras seis jornadas mais pequenas «para desenvolver as comunidades nascentes e incrementar a vida nas outras cidades» – lê-se num relatório de setembro desse ano. Fruto da presença de vários membros do Movimento no mesmo local de trabalho, nascem as primeiras “células de ambiente”, focos do amor recíproco, gerador da presença mística de Jesus, que encontram respostas para as dificuldades dum determinado ambiente, em particular nos âmbitos da saúde, da educação, da justiça e do trabalho.

A estrutura do Movimento Humanidade Nova resulta de um pequeno grupo, um embrião, que procurava recolher os frutos das experiências, disseminá-las e potenciá-las, de modo a que fossem exemplo e paradigma de atuação de muitos outros homens e mulheres de boa vontade. Todos têm em comum o desejo de construir um mundo mais fraterno. Organizam-se pequenos congressos de refle-

xão, com temas sobre o trabalho. Promove-se a sensibilização da sociedade para uma cultura de fraternidade, com várias jornadas de âmbito nacional e a dinamização de ações pela paz e defesa da vida na Assembleia da República e junto de algumas embaixadas.

Promovem-se atividades de índole social, como nos anos 80 a intervenção num bairro de lata na Pedreira dos Húngaros, em Oeiras, colaborando na legalização dos imigrantes, na procura de trabalho e na introdução de regras de higiene e alimentação – envolvendo os próprios na resolução dos seus problemas –, ou o “Vai e Vem”, movimento de recolha e distribuição de meios técnicos, para apoio às pessoas com necessidades especiais, ou, recentemente, a abertura de lojas sociais; organizam-se ações de caráter temporário, indo ao encontro das necessidades das vítimas de desastres naturais ou crises económicas; nascem obras sociais como um centro de acolhimento para ex-reclusos sem apoio familiar e

**Página anterior: 18 de junho de 2005. Encontro de Humanidade Nova na Cidadela Arco-Íris (Abrigada).**

**Em baixo: Roma, 20-03-1983. O Palácio de Desportos, apinhado de pessoas de todo o mundo, durante o primeiro grande Congresso Internacional do “Movimento Humanidade Nova”.**

um centro de recuperação de toxicodependentes.

Em 1994 nasceu a AMU – Cooperação e Solidariedade Lusófona por um Mundo Unido –, uma associação voltada para a cooperação entre os povos, em particular os povos de língua oficial portuguesa, que recebeu de Chiara o lema de vida: «As armas do nosso combate (...), por Deus, são capazes de destruir fortalezas» (2 Cor 10, 4).

Um dos últimos desenvolvimentos do movimento Humanidade Nova tem como foco a Cidade, para que esta se torne um painel, composto pela harmonia de muitos pequenos mosaicos coloridos pelo amor. Pretendemos despertar em cada cidadão o seu contributo específico. Gostaríamos de dialogar com as forças vivas da cidade, para encontrar pontos comuns de cooperação na resolução dos problemas. Queremos trabalhar em rede com outras cidades, para construir uma sociedade mais justa e mais fraterna, que respeite a dignidade da pessoa. Então o que é e o que faz a Humanidade Nova? É o Movimento dos Focolares impregnando de divino a vida da sociedade, quer individualmente, quer como corpo. É, citando Iginio Giordani, um desafio a «sermos cristãos sem parêntesis». ●

